

Análise de prosa e grupo de discussão: alternativas metodológicas para o mestrado profissional em educação

Nonato Assis de Miranda¹

Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-6592-3381>

Ana Sílvia Moço Aparício²

Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-6725-5372>

André dos Anjos Cangueiro Silva³

Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-6253-7805>

Resumo

O artigo traz algumas alternativas para o encaminhamento dos projetos de pesquisa no Mestrado Profissional (MP) em educação. Toma como pano de fundo um texto publicado pela professora Marli André, no início da década de 1980, por meio do qual ela chamou a atenção para o crescimento do uso da abordagem qualitativa de pesquisa e propôs a Análise de Prosa como alternativa para a análise desses dados. Nosso objetivo foi recuperar essa discussão e demonstrar que tanto a abordagem qualitativa de pesquisa quanto a pesquisa aplicada se constituem em meios adequados para a realização dos projetos de pesquisa nos MP. Por meio de revisão bibliográfica e documental, apresentamos os desafios da coleta e análise de dados qualitativos. Como alternativa, propomos o emprego do Grupo de Discussão, que pode ser utilizado remotamente em razão da pandemia de covid-19 para coletar dados, e a Análise de Prosa para análise desses dados nos programas profissionais em educação.

Palavras-chave: mestrado profissional; metodologia de pesquisa; análise de prosa; grupo de discussão.

Abstract

The article presents some alternatives for forwarding research projects in the Professional Master's Degree (MP) in education. It takes as a background a text published by Professor Marli André, in the early 1980s, through which she drew attention to the growing use of the qualitative approach to research and proposed Prose Analysis as an alternative for the analysis of these data. Our objective was to recover this discussion and demonstrate that the qualitative approach to research, as well as applied research, constitute adequate means for carrying out research projects in MP. Through bibliographic and documental review, we present the challenges of collecting and analyzing qualitative data. As an alternative, we propose the use of the Discussion Group that can be used remotely due to the covid-19 pandemic to collect data and Prose Analysis to analyze this data in professional education programs.

Keywords: professional master's degree; research methodology; prose analysis; discussion group.

¹ Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Professor e Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS). *E-mail:* mirandanonato@uol.com.br

² Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), vice-coordenadora e docente do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul. *E-mail:* anaparicio@uol.com.br

³ Mestre em Educação pela Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS); Professor do Curso de Pedagogia da Universidade Paulista (UNIP) *E-mail:* andre_anjos@yahoo.com.br

1 Introdução

Os mestrados profissionais (MP) num primeiro momento e, mais recentemente, os Doutorados Profissionais (DP) em educação vêm se constituindo em importantes espaços para a formação de recursos humanos e o desenvolvimento da pesquisa aplicada. Isso ocorre porque esses cursos (MP) são frequentados, notadamente, por educadores (professores e gestores) que se encontram no exercício de suas funções no campo da educação básica (ANDRÉ, 2017). Comumente, esses profissionais almejam o desenvolvimento profissional, a evolução funcional, assim como focalizam a melhoria da qualidade do ensino público.

Outro aspecto que se destaca nos MP é o emprego da abordagem qualitativa de pesquisa em relação aos métodos quantitativos. Evidentemente que isso não os desqualificam ou os colocam numa situação de inferioridade quando comparados aos programas acadêmicos, apenas sinaliza uma tendência metodológica nos MP em face de suas especificidades, do público-alvo e dos propósitos pelos quais eles são procurados. Entendemos que já estão bem explicitadas as diferenças e propósitos entre programas acadêmicos e profissionais (RIBEIRO, 2005; ANDRÉ, 2017) e esse não é o propósito deste texto.

Com vistas a contribuir com esse debate, no artigo que segue apresentamos reflexões sobre a importância da pesquisa qualitativa enquanto abordagem metodológica, os Grupos de Discussão como recurso para coleta de dados e a Análise de Prosa como alternativa de análise de dados no contexto dos MP na área de educação. Utilizamos como recurso metodológico a revisão bibliográfica e documental, tendo em vista que investigamos diretrizes legais que abarcam os MP, assim como, dissertações, teses e artigos relacionados à pesquisa qualitativa, à Análise de Prosa e aos Grupos de Discussão.

Estruturalmente, apresentamos nosso entendimento e reflexões sobre a relação entre a pesquisa qualitativa e os MP em educação. Nessa oportunidade buscamos demonstrar que a pesquisa qualitativa de natureza aplicada se constitui num meio eficaz para o empreendimento de projetos de pesquisa nos programas profissionais. Contudo, enfatizamos que a pesquisa qualitativa não é o caminho mais simples, ao contrário, ela traz vários desafios para o pesquisador podendo se equiparar aos métodos quantitativos multivariados. Em seguida, apresentamos o Grupo de Discussão (GD) como recurso alternativo para a coleta de dados qualitativos de pesquisa, especialmente, em tempos de pandemia do covid-19 e, na sequência, recuperamos a Análise de Prosa como alternativa para a análise de dados de pesquisa qualitativa nos MP.

Nossa expectativa é que tanto este artigo como os demais que compõem este dossiê possam somar a outros textos que vêm evidenciando preocupações com a coleta e análise de dados qualitativos de pesquisas no âmbito dos MP.

2 A Pesquisa qualitativa no Mestrado Profissional em Educação

O objetivo desta subseção não é fazer uma retrospectiva histórica da abordagem qualitativa de pesquisa nem tampouco desenvolver uma interlocução focalizando os aspectos positivos dessa abordagem em relação ao método quantitativo. O que buscamos é fazer alguns apontamentos sobre a pesquisa qualitativa e apresentar os desafios da coleta de dados no âmbito dos MP em educação. Nosso entendimento é que a pesquisa qualitativa de natureza aplicada se constitui num recurso adequado para pesquisadores, tanto dos MP quanto dos DP, para o empreendimento de seus projetos.

Com relação à pesquisa aplicada, em termos abrangentes, podemos afirmar que ela se concentra em torno dos problemas presentes nas atividades das instituições, organizações, grupos ou atores sociais. De modo mais específico ela está empenhada na elaboração de

diagnósticos, identificação de problemas e busca de soluções. Esses aspectos da pesquisa aplicada buscam responder a uma demanda formulada por “[...] clientes, atores sociais ou instituições” (THIOLLENT, 2009, p. 36).

Evidentemente que não existe consenso entre os pesquisadores acerca das distinções entre pesquisa científica e pesquisa aplicada, mas é sabido que “[...] a ciência objetiva tanto o conhecimento em si mesmo quanto as contribuições práticas decorrentes desse conhecimento.” (FLEURY; WERLANG, 2017, p. 2). Por essa razão a pesquisa aplicada, também se constitui num meio adequado para a realização da pesquisa no âmbito dos MP e, muito provavelmente, nos DP.

Nesses programas, é bastante comum a elaboração de diagnósticos da realidade estudada, assim como a identificação de problemas com vistas à proposição de soluções. No Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado Profissional – da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS), por exemplo, existe a exigência de o pesquisador entregar dois produtos: o Trabalho Final de Curso e o Produto Educacional. O primeiro segue um percurso similar ao que ocorre nos programas acadêmicos com revisão da literatura, procedimentos metodológicos, pesquisa empírica, análise e discussão de resultados. O segundo, por sua vez, parte dos resultados da pesquisa empírica (diagnóstico da realidade observada) e se constitui numa proposta que busca, se não a solução, pelo menos, almeja a mitigação do problema identificado pelo pesquisador. Desse modo, a pesquisa educacional empreendida no MP da USCS, se por um lado tem caráter científico, por outro, se caracteriza como pesquisa aplicada.

Nosso entendimento é que a proposta do MP da USCS transcende os limites da formação de recursos humanos, pois o estudante desse programa, mesmo diante dos desafios impostos pela rotina de trabalho em suas escolas e/ou departamentos de gestão educacional, tem sido encorajado a desenvolver:

[...] uma disposição para a pesquisa, o que vai exigir dele a aquisição de atitudes e habilidades, tais como, problematizar a realidade, buscar dados e referências para elucidar as questões que o intrigam, saber tratar os dados e referências localizados e expressar seus achados (ANDRÉ, 2017, p. 828).

Temos observado que esse arranjo tem favorecido o desenvolvimento da autonomia investigativa do mestrando na medida em que ele se dispõe a adquirir novas habilidades e competências, aprende a problematizar, argumentar, empreender a revisão bibliográfica para fundamentar seu projeto, produzir e analisar dados obtidos em campo, assim como a sistematizar e relatar o caminho percorrido (ANDRÉ, 2017). Noutras palavras, o MP forma recursos humanos, mas também pesquisadores no campo educacional.

Com relação ao emprego da abordagem qualitativa nos MP, assim como a Análise de Prosa, além da revisão bibliográfica, nos detemos de modo mais adensado, nas contribuições da professora Marli André, a qual se tornou uma referência no assunto. Essa autora publicou, dentre outros, um artigo no Caderno de Pesquisas nº 45 de 1983 da Fundação Carlos Chagas intitulado “Texto, contexto e significados: algumas questões na análise de dados qualitativos”. Utilizamos esse texto como ponto de partida para nossas reflexões porque ele traz um conjunto de alternativas para a análise de dados qualitativos de pesquisa, dentre elas, a Análise de Prosa.

Nosso interesse nessa análise se justifica em razão de termos observado, no cotidiano do MP da USCS, situações desafiadoras que nossos alunos têm enfrentado, as quais dialogam com as considerações presentes no texto objeto dessa análise (ANDRÉ, 1983). Esses desafios vão desde a opção pela abordagem de pesquisa, passando pela coleta de dados, mas talvez o maior deles seja a análise dos dados obtidos no campo da pesquisa. É oportuno salientar que o fato de investirmos na formação do pesquisador não significa que o processo seja fácil, ao contrário, é bastante desafiador.

Com relação ao texto em si, quando o revisitarmos constatamos uma grande preocupação da autora com a abordagem qualitativa de pesquisa que, à época (início dos anos de 1980), vinha galgando uma posição de destaque no âmbito da pesquisa educacional. Nosso entendimento é que essa preocupação da autora estava atrelada ao rápido crescimento do emprego da pesquisa qualitativa no campo educacional num curto espaço de tempo. Esse ponto de vista está alinhado ao fato de que “No Brasil, as abordagens das pesquisas qualitativas configuram-se, como enfoque metodológico, a partir da década de 1970, devido às concepções epistemológicas interpretarem a realidade de forma distorcida nas suas metodologias.” (ZANETTE, 2017, p. 154).

A partir de uma análise adensada da parte introdutória desse texto é possível perceber que a autora vinha chamando a atenção para o fato do crescimento do emprego da abordagem qualitativa de pesquisa no campo educacional. Essa preocupação não era no sentido de desqualificar o emprego da pesquisa qualitativa de pesquisa na área da educação, mas sim alertar os pesquisadores dos desafios de seu emprego. De modo mais enfático ela sinalizou que: “O volume de artigos e publicações especiais sobre o assunto, assim como o número de trabalhos apresentados em diversas reuniões científicas nos últimos três anos [...]” – final dos anos de 1970 e início de 1980 - eram “[...] sinais evidentes de que o tema [...]” vinha “[...] ganhando crescente popularidade” à época (ANDRÉ, 1983, p. 66).

Em seguida a autora elenca algumas vantagens acerca do uso de dados qualitativos na pesquisa educacional. Para tanto, ela recupera concepções de autores consagrados no campo da pesquisa educacional como Tikunoff e Ward (1980) para quem, dentre outras vantagens, “[...] pode-se apontar que eles permitem apreender o caráter complexo e multidimensional dos fenômenos em sua manifestação natural.” Mas não é só isso, a autora continua afirmando que “[...] eles servem, também para capturar os diferentes significados das experiências vividas no ambiente escolar de modo a auxiliar a compreensão das relações entre os indivíduos, seu contexto e suas ações.” (ANDRÉ, 1983, p. 66).

Esses aspectos mostram-se adequados ao MP porque, não raro, os pesquisadores desses programas desenvolvem pesquisas, com raras exceções, no interior das escolas. Em geral, eles estão em busca de fatos, experiências e impressões que lhes permitam compreender as relações entre educadores, suas práticas e suas percepções sobre o fenômeno educativo. Não obstante, muitas vezes eles desconhecem os desafios acerca do uso da coleta e do uso de dados qualitativos de pesquisa.

Em face ao exposto, nosso entendimento é o de que o pesquisador do MP precisa fazer a opção pela abordagem qualitativa de pesquisa, consciente de que qualquer que seja sua espécie ele será demandado a ter comprometimento para estudar um problema e tempo para o empreendimento do projeto. Se sua opção for pela abordagem qualitativa de pesquisa é importante considerar que “A pesquisa qualitativa está no mesmo nível das mais rigorosas abordagens quantitativas e não deve ser encarada como um substitutivo fácil para um estudo ‘estatístico’ ou quantitativo.” (CRESWELL, 2014, p. 53).

Esse entendimento não é recente. Na perspectiva de Miles (1979), *apud* André (1983, p. 66), apesar de os dados qualitativos serem extremamente atrativos, é preciso não perder de referência que “[...] sua utilização envolve uma série de dificuldades e problemas.” Em termos abrangentes, as atividades de coleta de dados e análise das informações são longas e estafantes. Não raro, o pesquisador fica sobrecarregado nos diferentes estágios do estudo cujos motivos vão desde a variedade de aspectos do fenômeno a serem observados, passando pelo volume de anotações feitas, o tempo necessário para o registro ou transcrição das observações até os desafios para categorizar, codificar e interpretar os dados e os resultados da pesquisa (ANDRÉ, 1983; CRESWELL, 2014).

Nos MP, essa situação se torna ainda mais grave, pois em geral os pesquisadores são profissionais que estão no exercício de suas funções, trabalhando cerca de 40 horas semanais,

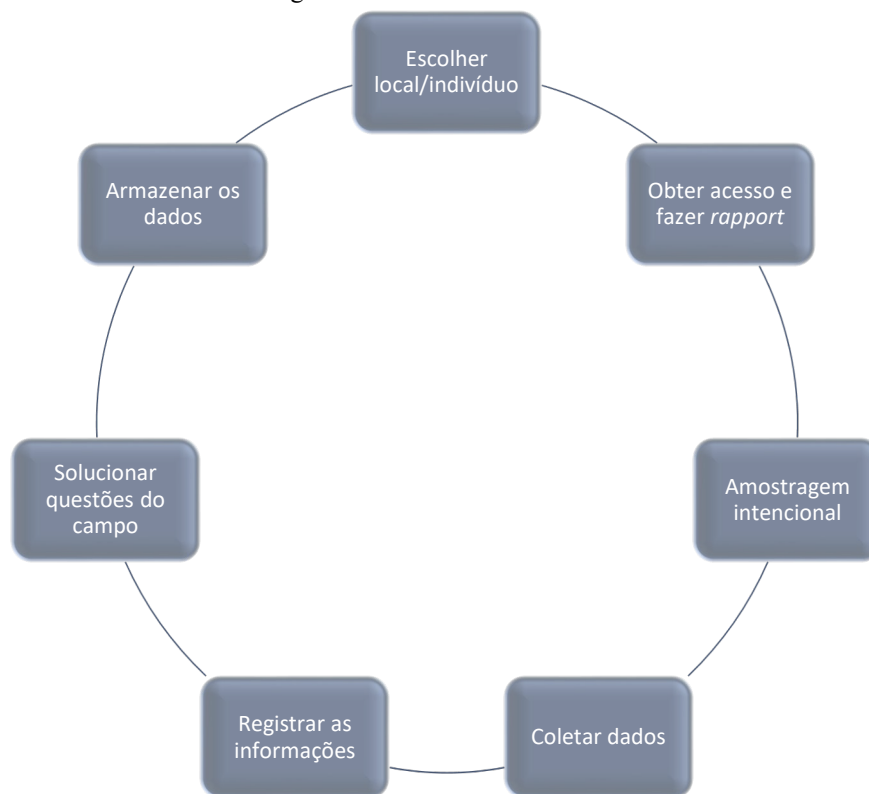
raramente eles conseguem se afastar do trabalho para desenvolver o projeto. Eles trabalham durante o dia, frequentam as disciplinas à noite e aos sábados. Isso é necessário porque não existem bolsas de fomento para o MP, portanto, eles precisam conciliar a rotina de trabalho com a pesquisa, sendo nesses momentos que eles observam, coletam dados, fazem registros e anotações sobre o objeto investigado.

É evidente que isso é preocupante e, talvez, esse cenário possa deixar a impressão de que as pesquisas realizadas nos programas profissionais tenham qualidade duvidosa, antecipamos que não é verdade. Ao contrário, heroicamente, pesquisadores (orientando e orientador) desenvolvem projetos com elevado grau de qualidade nesses programas focalizando sempre o desenvolvimento profissional docente e da gestão e a melhoria da qualidade do ensino público. Exemplo disso são as publicações de resultados dessas pesquisas dos MP da área de educação, realizadas em periódicos indexados/qualificados, assim como as avaliações desses programas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Assim, como Miles (1979) *apud* André (1983), entendemos que mesmo os pesquisadores com larga experiência em trabalhos de campo sentem-se sobrecarregados com a árdua tarefa com a qual se defrontam no processo de coleta de dados qualitativos de pesquisa. Portanto, não é de se estranhar que os pesquisadores do MP tenham dificuldade com a coleta de dados de pesquisa. Por essa razão, a parceria entre orientador e orientando é fundamental, é preciso que, juntos, eles desenvolvam os planos de pesquisa e alinhem as ações para a implementação da coleta e análise dos dados que é, sem dúvidas, o maior desafio para os pesquisadores que fazem uso da abordagem qualitativa (ANDRÉ, 1983).

Nosso entendimento é que o processo de coleta de dados precisa ser bem planejado, pois apesar de a análise permear todo o projeto de pesquisa qualitativa, ela se adensa após a obtenção dos dados. Assim como Creswell (2014), entendemos que essa fase da pesquisa se constitui numa série de atividades interrelacionadas (Fig. 1), objetivando a obtenção de informações com vistas a dar respostas para a questão de pesquisa. Apesar de o autor propor que esse processo tenha como ponto de partida a escolha de um local de investigação ou dos participantes (sujeitos) da pesquisa, isso não é uma regra, pois o pesquisador poderá iniciar os trabalhos em outro ponto do círculo. “O mais importante é que o pesquisador considere as múltiplas fases da coleta de dados, fases essas que se estendem para além do ponto de referência típico de conduzir entrevistas ou fazer observações.” (CRESWELL, 2014, p. 122).

Figura 1 - Atividades de coleta de dados



Fonte: Creswell (2014, p. 122)

Na perspectiva de Creswell (2014), com a qual concordamos, todas essas fases da coleta de dados são importantes merecendo atenção do pesquisador que optou pela abordagem qualitativa de pesquisa. Um passo importante que o pesquisador precisa considerar no seu plano é a busca pelo local de pesquisa, pelas pessoas que serão estudadas, assim como conseguir a autorização delas para realizar o estudo e estabelecer laços fortes com as pessoas ou grupos (*fazer rapport*) que lhe fornecerão os dados de pesquisa.

Outro aspecto importante que não pode ser desconsiderado pelos pesquisadores do MP é a definição da amostragem intencional dos indivíduos ou locais de pesquisa. É fundamental ter em mente que na pesquisa qualitativa não existe amostragem probabilística que permite ao pesquisador “fazer inferências estatísticas para uma população”, trata-se de “[...] uma amostra intencional que exemplificará propositadamente um grupo de pessoas que pode melhor informar o pesquisador sobre o problema de pesquisa que está em exame.” (CRESWELL, 2014, p. 122). Esse mesmo pesquisador precisa ter em mente que ele se deparará com outro problema bastante comum desde o início da escolha da abordagem de pesquisa que é o tamanho da amostra na pesquisa qualitativa. Concordamos com esse autor que a questão do tamanho da amostra é uma decisão importante que não pode ser desconsiderada pelos pesquisadores no estabelecimento de estratégias para a coleta de dados.

Uma diretriz geral para o **tamanho da amostra** em pesquisa qualitativa é não somente estudar alguns locais ou indivíduos, mas também coletar amplos detalhes sobre cada local ou indivíduo estudado. A intenção em pesquisa qualitativa não é generalizar as informações [...] (destaque no original) (CRESWELL, 2014, p. 130).

Não obstante, é preciso esclarecer que alguns tipos de estudos de caso são exceções a esse ponto de vista, pois demandam elucidar o particular, o específico (PINNEGAR; DAYNES, 2007 *apud* CRESWELL, 2014). É oportuno salientar que o autor afirma que já se deparou com

pesquisas cujo tamanho da amostra era de um ou dois indivíduos, assim como histórias coletivas que contaram com até 325 participantes.

Grosso modo, o que se constata é que não há consenso entre os pesquisadores sobre o número de participantes na pesquisa qualitativa, nosso entendimento é que esse quantitativo possa variar de acordo com a técnica de coleta de dados escolhida pelo pesquisador. Por exemplo, se ele optar pelo emprego de um Grupo de Discussão, o número deverá girar entre 5 e 10 participantes (ALONSO, 1998, *apud*, GODOI, 2015), mas se sua opção recair sobre a entrevista individual não existe essa exigência, apenas sugerimos que a entrevista seja feita em profundidade com vistas a obter as informações necessárias para a análise do objeto investigado.

Com relação à coleta de dados, é sabido que cada vez mais os pesquisadores têm se deparado com diferentes recursos tais como *E-mails* e a coleta de dados *on-line* que pode se constituir por meio de entrevistas individuais ou os Grupos de Discussão que se tornaram bastante comuns no período de pandemia do covid-19. Qualquer que seja a opção de coleta de dados, é preciso que o pesquisador desenvolva protocolos ou formulários para o registro das informações sem desconsiderar as “chamadas ‘dificuldades do campo’, que podem ser um problema, como ter dados inadequados” (CRESWELL, 2014, p. 123). Por fim, mas não menos importante, salientamos que o pesquisador do MP, especialmente aquele que optar pela abordagem qualitativa, precisa decidir como fará o armazenamento dos dados para que eles possam ser protegidos contra eventuais perdas e possam ser facilmente encontrados a qualquer momento, durante e após o processo investigativo.

3 O Grupo de Discussão no Mestrado Profissional em Educação

Se por um lado, cada vez mais o pesquisador qualitativo tem encontrado diferentes opções para a coleta de dados (CRESWELL, 2014), por outro, a pandemia de covid-19 acabou incrementando essas opções com vistas à continuidade dos projetos. Dentre outras alternativas encontradas pelos pesquisadores, destacamos o Grupo de Discussão (GD) que foi um recurso bastante utilizado no MP em Educação da USCS nesse período.

Esclarecemos que o GD em si, “não é uma técnica, mas uma prática de investigação que possui historicidade, assim como diferentes enfoques e pressupostos teóricos.” (MEINERZ, 2011, p. 488). Todavia, dados seus atributos, o GD vem atendendo satisfatoriamente aos propósitos investigativos do MP.

Na expectativa de conceituar o GD, Godoi (2015) recorre a Alonso (1998) que tem uma compreensão relativamente simples para essa prática grupal de pesquisa qualitativa. Para esse autor, o GD “é um grupo artificial, convocado em função dos objetivos da pesquisa e controlado pelo pesquisador.” (ALONSO, 1998 *apud* GODOI, 2015, p. 635). Noutras palavras, podemos afirmar que a finalidade dessa prática consiste em buscar a participação ativa do sujeito na pesquisa, permitindo-se a liberdade para expressar sua opinião sobre o objeto investigado ou as suas ações cotidianas.

Com relação à condução dos GD, previamente à sua constituição devem-se tomar alguns cuidados acerca do seu desenho que tem duas regras que não podem ser desconsideradas: a) o tamanho do grupo deve variar entre cinco e dez participantes (CANALES; PEINADO, 1994; COLECTIVO IOE, 2010; IBÁÑEZ, 2010; ORTÍ, 1986 *apud* GODOI, 2015); b) os participantes não devem conhecer-se previamente (ALONSO, 1998, *apud*, GODOI, 2015).

Para ilustrar o exposto, analisamos o projeto de Silva (2021) desenvolvido no MP da USCS quando pudemos constar que essas regras foram respeitadas. Observamos que nessa investigação, o GD que foi composto por seis participantes (professores iniciantes) que apesar de terem participado do mesmo curso, esse foi ofertado na modalidade a distância contando com apenas dois encontros presenciais de 4 horas cada sendo um em cada ano. Silva (2021)

ênfatiou que esse contato não se constituiu em vínculo afetivo e profissional entre os participantes. O autor afirma que as participantes do GD fazem parte de diferentes escolas que estão localizadas em bairros distintos e até mesmo em mais de um município (São Paulo e Santo André). Em síntese, as regras do GD foram cumpridas com rigor nessa investigação.

O moderador tem um papel importante na reunião, pois é ele quem apresenta os objetivos da discussão aos participantes. Em geral, o moderador é o próprio pesquisador, mas é permitido que seja também alguém que tenha pleno domínio do assunto. Todavia,

[...] existe unanimidade em torno do pensamento de Ibáñez (2003) de que deva sempre se tratar de uma pessoa desconhecida dos participantes, pois, do contrário, o grupo já iniciaria com uma relação maior de confiança, o que não interessa a essa prática. (GODOI, 2015, p. 639).

Com base no estudo de Silva (2021), notamos que existe a informação de que nenhum dos participantes da pesquisa era conhecido por parte do pesquisador. De acordo com o autor, para garantir essa regra, o contato com todos os participantes foi feito pela orientadora desta pesquisa que também participou da moderação. Outra preocupação foi com relação à duração da reunião. Comumente, a duração da reunião gira entre uma e duas horas (GODOI, 2015). Pensando nisso, Silva (2021) afirma que tomou o devido cuidado para que a reunião não ultrapassasse esse período (a reunião durou 1h30 minutos), mas atentando-se para que todos os participantes pudessem expressar à vontade suas opiniões sobre o objeto investigado, assim como fizessem todas as considerações e ponderações que julgassem necessárias.

A condução e a produção de dados por meio da prática de GD requerem alguns cuidados que são importantes para o êxito da pesquisa. Dentre outros, um cuidado diz respeito à sua condução que, conforme o previsto na literatura é recomendado que seja o próprio pesquisador. Recomenda-se também que as falas do moderador não sobressaiam em relação às falas dos participantes “[...] que são a parte mais rica da construção discursiva para essa metodologia.” (SILVESTRE; MARTINS; LOPES, 2018, p. 42).

Embora não seja uma regra, alguns pesquisadores utilizam-se de um *tópico-guia*, mas os formatos podem ser diferentes, conforme constatado por esses autores tomando como referência a análise de uma dissertação e uma tese que empregou o GD como recurso metodológico. Eles destacam que “[...] a dissertação e a tese seguiram caminhos diferentes quanto às estratégias e ao fazer falar.” (SILVESTRE; MARTINS; LOPES, 2018, p. 42).

No exemplo da dissertação, a pesquisadora empregou dezesseis questões e a partir delas, assim como com elas conduziu os grupos, mas sempre enfatizando “que não pretendia ser um roteiro a ser seguido à risca, mas sim um instrumento com temas que pudessem servir de estímulo para a discussão entre os professores e professoras” (GRÖSZ, 2008 p. 43 *apud* SILVESTRE; MARTINS; LOPES, 2018, p. 42). No caso da tese, foi empregado “um *tópico-guia* em formato de texto com perguntas espalhadas, o que talvez indique uma não utilização do registro na íntegra no momento da reunião, mas uso apenas da primeira questão que tinha por intento funcionar como um vetor de impulso”, de modo mais específico foi esclarecido que tal recurso deveria ser algo que pudesse abrir a conversa. (SILVESTRE; MARTINS; LOPES, 2018, p. 42).

Silva (2021), por sua vez, optou por não empregar um *tópico-guia* de modo mais específico, pois sua intenção foi propor um debate com base no objeto de investigação mediante explicitação prévia para os participantes no início da reunião. Nas palavras do autor, após a apresentação de todos os participantes, o que durou cerca de 30 minutos, os moderadores agradeceram aos professores por terem aceitado o convite para participar do GD e colocaram que o objetivo da conversa giraria em torno das contribuições do Curso de Professores Ingressantes da Secretaria da Educação de São Paulo (Estadual) Secduc para o Desenvolvimento Profissional docente. Assim, foram utilizadas três indagações, as quais

estavam pautadas nos objetivos do curso buscando fomentar as discussões com base nos objetivos da pesquisa. Silva (2021) esclarece que elas foram escolhidas intencionalmente para participar desta discussão e, em seguida iniciamos os trabalhos.

Partindo-se do pressuposto de que o GD, de certa forma, é uma espécie de entrevista só que grupal, foram tomados alguns cuidados para sua realização, tendo como ponto de partida as orientações de Creswell (2014, p. 137) pelo entendimento de que embora elas sejam para a entrevista, podem ser empregadas também no GD:

- ✓ **Local:** encontrar, se possível, um local silencioso, livre de distrações. Esse autor sugere que seja feita uma avaliação acerca do ambiente, se este é propício para gravações, haja vista tratar-se de uma necessidade para que as informações sejam registradas. O GD pode ser realizado por meio de recursos de comunicação por vídeo como o *Google Meet*. É importante salientar que as contas corporativas têm benefícios que as privadas não têm, como o recurso de gravação e não limitação de tempo da reunião;
- ✓ **Consentimento:** mesmo as coletas de dados *on-line* (remotas) requerem obtenção de consentimento dos participantes no estudo. É necessário explicitar, previamente, do que se trata a pesquisa e, posteriormente, obter a anuência dos participantes após a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE;
- ✓ **Ouvinte:** um bom entrevistador é um bom ouvinte, "mais do que um participante frequente durante uma entrevista". Sugere-se ainda que as informações sejam registradas no protocolo, mesmo no caso de gravação, porque, se houver algum problema com o áudio, têm-se os registros.

Todos esses cuidados devem ser tomados, assim como outros recomendados pela literatura que versa sobre os GD. Se isso ocorrer, a tendência é que a reunião ocorra com tranquilidade envolvendo todos os participantes na discussão.

4 Análise de Prosa no Mestrado Profissional em Educação

Desenvolver um projeto de pesquisa não é uma tarefa simples, pois vários fatores são colocados em jogo nesse processo. Os desafios são muitos, mas talvez o maior deles seja fazer a opção pelo percurso metodológico que, a nosso ver, definirá a abordagem, a natureza, os pressupostos dentre outros aspectos da pesquisa.

Com relação à abordagem qualitativa de pesquisa, se no início dos anos de 1980 o problema estava atrelado a quase inexistência de métodos apropriados para a análise desses dados (ANDRÉ, 1983), atualmente tem sido comum o emprego de métodos sem o devido rigor por ele requerido. Por exemplo, apesar de algumas investigações fazer uso da Análise de Conteúdo, quando debruçamos sobre esses relatórios (teses e dissertações), observamos que existiu a tentativa dos pesquisadores em fazer uso desse recurso, mas comumente os pesquisadores apenas descrevem os dados em forma de categorias sem esclarecer os procedimentos prévios que deveriam fazer parte dessa análise. Tem-se a impressão que a preocupação esteja centrada apenas na categorização.

Conforme evidenciamos há pouco a coleta de dados qualitativos é um grande desafio para os pesquisadores, mas não menos desafiante é a análise desses dados. Esse fato foi anunciado por André (1983) que enumerou as vantagens do emprego de dados qualitativos nos projetos. A autora demonstrou que a pesquisa qualitativa busca apreender o caráter multidimensional dos fenômenos em sua manifestação natural, assim como capta os diferentes sentidos de uma experiência vivida, auxiliando a compreensão do indivíduo no seu contexto.

Todavia, denunciou que a análise de dados das pesquisas qualitativas, à época, era muito questionável.

No início dos anos 1990, Alves e Silva (1992, p. 61) chamavam a atenção para o fato de que esse tipo de análise, à época, era recente e se caracterizava “por ser um processo indutivo que tem como foco a fidelidade o universo de vida cotidiano dos sujeitos, estando baseada nos mesmos pressupostos da chamada pesquisa qualitativa.”

Por essa e outras razões, não raro, alguns pesquisadores questionavam o valor da pesquisa qualitativa por considerá-la muito limitada em face de suas próprias características (ANDRÉ, 1983). Ademais, apesar de os dados qualitativos de pesquisa educacional trazerem muitas vantagens, conforme já mencionadas, sua análise demanda alguns desafios. Com relação aos desafios, dentre outros, é sabido que “a análise de dados qualitativos costuma demandar que se lide com grandes volumes de dados (transcrições, gravações, notas, etc.)” (GIBBS, 2009, p. 18).

Uma alternativa para esse volume de dados é o emprego da Análise de Conteúdo (AC) proposta por Bardin (1991). Todavia, André (1983), com o intuito de entender melhor essa técnica, empreendeu uma revisão criteriosa da literatura que versa sobre o assunto cujos achados permitiu-lhe constatar a evidência de conotações técnicas associadas à AC. De modo sintético, a AC é uma técnica que busca reduzir o volume de material coletado em categorias. Todavia, isso é considerado preocupante, pois corre-se o risco de fazer uma análise superficial dos dados, pois costuma-se ignorar a variedade de significados que uma simples mensagem pode incluir, por exemplo (ANDRÉ, 1983).

Em face ao exposto, entendemos que a Análise de Prosa (AP) se constitui numa alternativa viável para os pesquisadores do MP. Trata-se de uma forma de investigação dos significados dos dados qualitativos. Portanto, ao invés de categorias prévias ou a posteriori, conforme ocorre com a AC, os tópicos e temas serão gerados a partir do exame dos dados e de sua contextualização neste estudo (ANDRÉ, 1983).

A despeito de essa autora não fazer uma descrição longa da AP, ela esclarece que essa técnica de pesquisa é:

[...] uma forma de investigação do significado dos dados qualificativos. É um meio de levantar questões sobre o conteúdo de um determinado material: o que é que este diz? O que significa? Quais suas mensagens? E isso incluiria, naturalmente, mensagens intencionais e não intencionais, explícitas ou implícitas, verbais ou não verbais, alternativas ou contraditórias (ANDRÉ, 1983, p. 67).

Depreende-se, portanto, que os pesquisadores deverão debruçar sobre os dados de pesquisa com a intenção de identificar o significado atribuído por eles. Fazendo isso, eles buscarão:

[...] responder as questões e objetivos levantados, através da interpretação das mensagens intencionais ou não, explícitas ou nas entrelinhas, apresentadas meio a quaisquer procedimentos de produção de dados, sejam eles verbais ou não verbais. (NASCIMENTO, FARIAS, RAMOS, 2019, p. 164).

A título de esclarecimentos, constatamos que esses autores fizeram uma análise do emprego da AP em pesquisas acadêmicas, notadamente, em teses de doutorado e dissertações de mestrado, nas últimas duas décadas (2000 a 2019), assim como uma reflexão sobre o uso dessa técnica nesses estudos. Contudo, ao correlacionarem os estudos prévios que fizeram uso dessa técnica de análise (AP) com a análise desenvolvida pelos pesquisadores, constataram que, diferentemente do que vinha ocorrendo, em sua pesquisa, eles extrapolaram o sentido inicial da AP. Noutras palavras, perceberam que ao tomar para si a AP como procedimento de análise de dados buscando “uma maneira de *fazer falar* os dados produzidos” (NASCIMENTO, FARIAS,

RAMOS, 2019, p. 164) chegaram à conclusão de que não estavam apenas utilizando a AP. Esse entendimento deu-se porque eles estavam:

[...] realizando a Análise de Prosa Enredada, que foi se desenvolvendo por intermédio das várias ações, desde a escuta das vozes de todos os praticantes até a escrita do texto enredado, carregado de nossas impressões e sentidos dados às mensagens e às observações das experiências vividas nos contextos de produção dos dados. (NASCIMENTO, FARIAS, RAMOS, 2019, p. 164).

Em face ao exposto, os autores propuseram o crescimento, na definição da análise que eles realizaram, dos sentidos dados às vozes dos praticantes que são constituídos, principalmente, no momento da produção do texto enredado. Por trás desse acréscimo, na perspectiva desses autores, tem-se o entendimento de que além de olhar para os dados, eles estão também pensando e refletindo sobre os diferentes momentos vivenciados na interação com os praticantes, na dinâmica de produção dos dados por meio de procedimentos diversos.

Nesse contexto, quando os pesquisadores estão elaborando o texto, ou seja, descrevendo e analisando os dados (depoimentos, falas, vozes etc.) estão preocupados em entrelaçá-los com vistas a interpretar e registrar as experiências vividas, considerando as afirmativas e observações que confirmariam para “a existência das práticas efetivadas, que ao serem confrontadas, permitiam a divergência e a indicação da existência de outras práticas, ainda presentes no cotidiano das ações dos sujeitos praticantes.” (NASCIMENTO; FARIAS; RAMOS, 2019, p. 164-165).

Contudo, partindo-se do pressuposto de que a prosa é um gênero textual escrito em parágrafos voltando-se para o “não eu” por meio de metáforas equivalentes, assim como por não se constituir em denotação pura (MOISÉS, 1982), pois associa-se, também à conotação, nosso entendimento é que a AP não se configura apenas no fazer os dados falarem, conforme sugerem Nascimento, Farias e Ramos (2019), é muito mais do que isso. Na perspectiva de André (1893), está explícito que ao fazer uso dessa terminologia, o pesquisador imerge nos dados buscando compreender quais mensagens os participantes tentaram passar para ele, sejam elas intencionais ou não, explícitas ou até mesmo subliminares.

O texto fruto da AP pode ser enveredado, pois ele está envolto de sentidos atribuídos pelos pesquisadores em face de a análise por si só já ser de natureza subjetiva e, portanto, sujeita a conotações, mas são termos que se complementam em razão dos diferentes fins que têm. Ademais, uma análise de dados não se dá somente a partir da elaboração do relatório de pesquisa, ou seja, da produção do texto, seja ele enredado ou não e sim desde o início da realização da pesquisa (GIBBS, 2009). Aliás, nosso entendimento é que seja bastante provável que a análise comece a ser gestada antes mesmo de se apresentar um projeto de pesquisa, pois quando isso ocorre já houve uma construção mental prévia a esse estágio da pesquisa. Contudo, sabemos que, de modo mais efetivo, a despeito de a análise estar “[...] presente em vários estágios da investigação [...]” ela se torna [...] mais sistemática e mais formal após o encerramento da coleta de dados” (LÜDKE; ANDRE, 1986, p. 45).

Por fim, esclarecemos que a Análise de Prosa Enredada sugerida por Nascimento, Farias e Ramos (2019) é uma alternativa comum entre os pesquisadores adeptos à abordagem qualitativa de pesquisa que buscam triangular dados com referenciais teóricos e outros achados de pesquisa como é o nosso caso. Trata-se de uma alternativa à descrição de dados puros e a análise a posteriori comumente encontrada em muitas pesquisas o que não se aplica a esta pesquisa.

5 Considerações Finais

O objetivo deste texto não foi fazer uma retrospectiva histórica da abordagem qualitativa de pesquisa, tampouco desenvolver uma interlocução focalizando os aspectos positivos dessa abordagem em relação ao método quantitativo. Sabemos que o debate metodológico qualitativo tem estado presente nas pesquisas de diversos campos, de tal modo que diferentes posições têm sido assumidas pelos pesquisadores na área da pesquisa em educação, “[...] diversificando entre aceitação, negação ou, até mesmo, meio-termo entre o que se convencionou chamar de debate qualitativo/ quantitativo, além de outras terminologias.” (ZANETTE, 2017, p. 150).

Nosso entendimento é que a abordagem qualitativa de pesquisa de natureza aplicada se constitui num meio adequado para o encaminhamento metodológico dos projetos de pesquisa nos MP. Fazer a opção por essa abordagem não significa encurtar o caminho, mas optar por um meio que permite aos pesquisadores do MP em educação empreender diagnósticos da realidade observada com vistas à proposição de ações para a equalização ou, pelo menos, a mitigação dos problemas identificados.

Dentre os desafios enfrentados pelos pesquisadores que empregam a abordagem qualitativa de pesquisa está a gestão do volume de dados obtidos, mas existem alternativas que vão desde os novos meios de coleta *on-line*, como é o caso dos GD, quanto os métodos de análise. Nosso entendimento é que a Análise de Prosa representa uma alternativa para os pesquisadores, com destaque para as pesquisas realizadas no âmbito dos MP na área da educação com vistas ao empreendimento da análise de dados qualitativos de pesquisa. Esse recurso se constitui num meio adequado para pesquisadores, tanto dos MP quanto dos DP para a análise de dados qualitativos de pesquisa de natureza qualitativa que, via de regra, tem sido de natureza aplicada.

Referências

ALVES, Zélia Maria Mendes Biasoli; SILVA, Maria Helena G. F. Dias da. Análise qualitativa de dados de entrevista: uma proposta. **Paideia**, FFCLRP, USP: Ribeirão Preto, n. 2, p. 61-69, fev./jul. 1992.

ANDRÉ, Marli Elisa Dalmaz Afonso de. Textos, contextos e significados: algumas questões na análise de dados qualitativos. **Cadernos de Pesquisa**, n. 45, p. 66-71, maio 1983.

ANDRÉ, Marli Elisa Dalmaz Afonso de. Mestrado profissional e mestrado acadêmico: aproximações e diferenças. **Revista Diálogo Educacional**, v. 17 n. 53, p. 823–841, 2017.

CRESWELL, John. W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa**: escolhendo entre cinco abordagens. Trad. Sandra M. da Rosa. Revisão técnica Dirceu da Silva. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2014.

FLEURY, Maria Tereza Leme; WERLANG, Sérgio. **Pesquisa aplicada**: reflexões sobre conceitos e abordagens metodológicas. Disponível em: https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/18700/A_pesquisa_aplicada_conceito_e_abordagens_metodol%C3%B3gicas.pdf. Acesso em: 15 dez. 2021.

GIBBS, Graham. **Análise de dados qualitativos**. Trad. Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GODOI, Christiane Kleinübing. Grupo de discussão como prática de pesquisa em estudos organizacionais. **RAE- Revista de Administração de Empresas**, v. 55 n. 6, p. 632-644, nov./dez. 2015.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MEINERZ, Carla Beatriz. Grupos de Discussão: uma opção metodológica na pesquisa em educação. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 485-504, maio/ago. 2011.

MOISÉS, Massaud. **Literatura: mundo e forma**. São Paulo: Cultrix, 1982.

NASCIMENTO, Valdriano Ferreira do; FARIAS, Isabel Maria de Sabino; RAMOS, Evódio Maurício Oliveira. Análise de prosa enredada na pesquisa com os cotidianos: um jeito de ver o currículo e dizer. **Revista Teias**, v. 20, n. 59, p. 160-175, out./dez. 2019.

RIBEIRO, Renato J. Ainda sobre o mestrado profissional. **RBPG**, Brasília, v. 2, n. 6, p. 313-315, 2006.

SILVA, André dos Anjos C. Silva. **Formação continuada e indução profissional docente: o curso de professores ingressantes da rede estadual paulista**. 2021. 174f. Dissertação (Mestrado – Mestrado Profissionalizante em Educação) – Universidade Municipal de São Caetano do Sul, 2021.

SILVESTRE, Vanessa Souto; MARTINS, Reginaldo Marcos; LOPES, João Pedro Goes. Grupos de discussão: uma possibilidade metodológica. **Ensaio Pedagógico** (Sorocaba), v.2, n.1, p.34-44, jan./abr. 2018.

THIOLLENT, Michel. **Pesquisa-ação nas organizações**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2009.

ZANETTE, Marcos Suel. Pesquisa qualitativa no contexto da Educação no Brasil. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 65, p. 149-166, jul./set. 2017.